

XII - ETHOS, FATO RELIGIOSO E DIVERSIDADE *ETHOS, FACT AND RELIGIOUS DIVERSITY*

Sonia de Itoz³⁹

RESUMO

Neste pequeno ensaio, nos propomos a trabalhar o conceito Ethos, no seu sentido e significado, para discutir e pautar o que implica a construção da figura de um alguém – o indivíduo -, e de um modo coletivo de vida - a cultura como lugar-espço do Fato Religioso e da Diversidade -, buscando, com isso, situar uma compreensão para o trabalho do componente curricular Ensino Religioso.

Palavras-chave: Ethos. Fato Religioso. Diversidade. Ensino Religioso. Planos. Planejamentos.

ABSTRACT

In this short essay, we set out the Ethos concept in its meaning and significance, to discuss and guide entailing the construction of the space Suit and Religious Diversity – seeking there by to situate an understanding for the work of Religious Education curriculum subject.

Keywords: Ethos. Religious Apparel. Diversity. Religious Education. Plans. Plannings.

1. UMA “CASA MUITO ENGRAÇADA” – O ETHOS

Vinícius de Moraes poetiza uma casa, “muito engraçada”, dizendo: “Era uma casa muito engraçada; Não tinha teto, não tinha nada; Ninguém podia entrar nela, não; Porque na casa não tinha chão; Ninguém podia dormir na rede; Porque na casa não tinha parede; (...) Mas era feita com muito esmero”.

Num exercício inventivo, podemos continuar a fantasia e povoar a casa muito engraçada com os mais diversos e possíveis “imaginários” que se tornam “entidades”. Os imaginários passam a ser entidades reais que desfilam, cantarolam, dançam, festejam, celebram e muito se divertem. É certo também que muitas vezes alguns destes imaginários entram em choque, porém, como forma de sobrevivência, se estabeleceu a convenção de uma permanente trégua. De qualquer forma, para a sobrevivência de cada imaginário-entidade há um lugar bem demarcado e muito específico dentro desta casa. Na realidade, tornaram-se tão concretos que podem ser sentidos, percebidos e até observados, pois andam, confabulam, discutem e se ajeitam pelos corredores e nos diferentes ambientes da casa muito engraçada.

³⁹ Graduação em Filosofia e Teologia; Mestre em Educação - Psicologia da Educação - PUC/SP; Coordenadora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar Colégio Emilie de Villeneuve/SP; Consultora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da Rede Salesiana de Escolas. E-mail: soniadeitoz@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3284476375506408>

Parafraseamos a ideia de Vinícius de Moraes usando a metáfora da “casa muito engraçada” para situar uma compreensão do “Ethos”, como “casa” do indivíduo e espaço da cultura, local onde se dá o “Fato Religioso” com uma “Diversidade” inimaginável. Passemos assim à compreensão conceitual deste significado e de seu sentido.

Para AMOSSY (2005:10), “os antigos designavam pelo termo Ethos a construção de uma imagem de si”, o que implica na constituição da figura de um alguém. Mas, correlativamente, formar a imagem de um alguém só pode ser dada mediante um outro. Ethos então tem a ver com construção de uma imagem, daquilo que não é dito explicitamente, mas que, logicamente, precisa ser evidenciado por um caráter e tornado real numa corporeidade⁴⁰.

Imagem é o que é criado pelo destinatário – o “outro”-, durante o processo de mostrar-se, de “manifestar-se” e de “aparecer” de um alguém. É por isso que caráter e corporeidade não se separam, já que são os diretamente responsáveis por mostrar e autorizar a construção da imagem ou daquilo que se manifesta de um indivíduo. E é um corpo físico, por sua vez, que dá e garante legitimidade ao caráter e à corporeidade. Caráter e corporeidade, no entanto, para serem reais, apoiam-se nas representações⁴¹ do indivíduo e nos modelos e convenções de uma cultura.

Portanto, a prova da existência de alguém será elaborada no decorrer da construção do próprio caráter e dado numa corporeidade específica. Isso vai acontecendo à medida que a pessoa for se inserindo, tratando das questões do cotidiano, organizando inserções, estando presente, construindo argumentos que compartilhem crenças e, assim, demonstre certa identificação e diferenciação dos seus semelhantes.

A relação caráter-corporeidade coloca-se, assim, na condição da apropriação de um “outro” Ethos que, ao permitir formar uma representação dinâmica e uma assimilação de quem se apresenta, estabelece o Eu-Tu. O resultado desse duplo processo se dá numa apropriação do outro e permite a incorporação imaginária deste Eu-Tu.

O termo Ethos aponta então, para o aspecto do subjetivo, ou no que está centrado em torno do comportamento individual do sujeito. E, aponta ainda para o aspecto do intersubjetivo, ou no que está num modo coletivo de vida. Ethos então é a própria *morada-corpo* do ser e do existir humano.

Morada, no sentido de casa-espaço, onde se instaura o indivíduo e ainda onde se configura a sua existência a partir de um processo de mão dupla, que vai do

⁴⁰ “Corporeidade, diversamente de corpo, quer superar a discussão clássica da relação corpo-alma, para evidenciar o caráter do corpo na sua integridade humana, que determina mesmo a subjetividade humana e os seus comportamentos.” (in: DICIONÁRIO DE TEOLOGIA. São Paulo: Loyola, 1983, vol. 3)

⁴¹ “Nas sociedades modernas, somos diariamente confrontados com uma grande massa de informações. As novas questões e os eventos que surgem no horizonte social frequentemente exigem, por nos afetarem de alguma maneira, que busquemos compreendê-los, aproximando-os daquilo que já conhecemos, usando palavras que fazem parte de nosso repertório. Nas conversações diárias, em casa, no trabalho, com os amigos, somos instados a nos manifestar sobre eles procurando explicações, fazendo julgamentos e tomando posições. Estas interações sociais vão criando “universos consensuais” no âmbito dos quais as novas representações vão sendo produzidas e comunicadas, passando a fazer parte desse universo não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras “teorias” do senso comum, construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas. Essas “teorias” ajudam a forjar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo.” (in: MAZZOTTI, Alda Judith Alves. www.metodista.br/ppc/multiplas-leituras/multiplas-leituras-01/representacoes-sociais-aspectos-teoricos-e-aplicacoes-a-educacao)

coletivo para o indivíduo (que o internaliza de forma própria), e que volta do indivíduo para o coletivo, alterando, potencialmente, o Ethos estabelecido da ética de uma cultura. Ou onde se dá o processo formador do hábito, da espacialidade interna do indivíduo e do locus da cultura, numa incessante construção, nunca pronta e acabada, já que não há indivíduo nem sociedade alguma que possam afirmar-se prontos ou completos.

a. Ensino Religioso e Ethos

Na condição do “Ethos”, tratado anteriormente, é que o componente curricular Ensino Religioso encontra campo para a sua ação pedagógica, tanto no contexto do subjetivo, da casa onde se estabelece o indivíduo, como no contexto do intersubjetivo, da casa onde se estabelece o espaço coletivo-cultural do ser humano. Pois, ao se considerar e tratar o Ensino Religioso como uma área de conhecimento, o mesmo encontra neste espaço, de compreensão e de apropriação/transformação do “Ethos”, questões fundamentais para abordar e desenvolver, de modo que venha a contribuir com o seu objeto de trabalho, o Fenômeno Religioso, numa educação que se quer integral, produzindo, assim, uma real compreensão da existência humana.

Neste aspecto, o Ethos, identidade de uma comunidade, evoca o componente Ensino Religioso para um conhecimento intercultural do ser e do existir humano, dando lugar ao repensar e reconstruir constantes do conceito de cultura e de seu processo. Pois é a cultura que faz com que pessoas, de sexos, raças e credos diferentes, tenham comportamentos diferentes, e não a transmissão genética ou apenas o ambiente geográfico em que vivem. Justamente por viverem culturas específicas e terem recebido uma educação diferenciada de outras é que há diversos comportamentos entre os humanos.

Percebemos, assim, que a cultura, no seu processo sócio-histórico, e as representações coletivas do comportamento humano, são reveladores de um sentido de transcendente⁴². Transcendente não como fuga da concretude e da realidade da vida, mas como abertura para uma dimensão mais ampla, um mergulhar para a interioridade das próprias coisas, conhecê-las e compreendê-las, num envolvimento que seja profundo, dinâmico e real.

É por isso que:

o fenômeno religioso, numa perspectiva atual, é uma resposta articulada culturalmente para afrontar as questões existenciais do ser humano, diante de um mundo em constante transformação e continuamente desafiado pelas condições socioculturais de sua realidade (JUNQUEIRA, 2002:139).

Está na perspectiva desta compreensão situar um outro modelo de Ensino Religioso para a educação/formação básica do indivíduo. Esta configuração para outro paradigma de Ensino Religioso já está dada no artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), com a redação dada pela Lei nº 9475.

Já não há mais como “maquiar”, um outro modelo para o Ensino Religioso se coloca no que contemple uma sociedade que é plural, na sua história e na sua cultura. Para isso é que o Ensino Religioso necessita de eixos temáticos que

⁴² “O tempo é “a tardança daquilo que está por vir”. Acho genial essa formulação, pois mostra o processo de realização do tempo (tardança), vindo do futuro em direção do presente.” (in: BOFF, Leonardo Boff . Tempo de Transcendência. O ser humano como um projeto infinito. São Paulo: Sextante, 2000, p.4)

correspondam e deem conta da diversidade humana e cultural, e dentre eles se coloca o eixo Ethos. Logo, os eixos temáticos estruturantes para o trabalho de Ensino Religioso devem corresponder aos critérios de organização e seleção de conteúdos e pressupostos didáticos escolares atendendo à demanda das culturas inseridas em seu tempo e época.

b. Fato Religioso e Ethos

Na área das ciências em geral, atualmente não mais se colocam dúvidas quanto ao aspecto sociocultural-religioso do ser humano. Ao contrário, o Fato Religioso é concreto na vida cotidiana de um povo e dos indivíduos, está integrado aos aspectos culturais e vivenciais das sociedades humanas. A religiosidade é algo que perpassa e fundamenta diferentes esferas de toda a existência humana, de suas culturas, e coexiste de forma articulada com as mesmas. Tanto no aspecto da existência quanto no das culturas, os diferentes sistemas de valores e significados não são entendidos mais como algo isolado ou fragmentado, mas estão em relação com o todo da realidade, são parte integrante da mesma.

Religiosidade⁴³ é o próprio Ethos, o “modo de ser das coisas e das pessoas” (BOFF, 2003:34), ou um tecido vivo de relações e inter-relações entre os elementos da cultura e da tradição, a fonte do dever para o agir moral do ser humano. Religiosidade tornou-se um “conjunto de princípios que rege, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável” (BOFF, 1999:195).

O “Ethos como ninho, identidade, coerência, consciência profunda remete para a profundidade maior dos seres humanos, lá onde eles se encontram com o divino” (MOSER, 2006:10), tornando-se ponto de partida para a compreensão do ser humano, de seu alicerce interno (subjetivo) e do externo (objetivo), que o sustenta. O HOUAISS (2001:1271) diz de Ethos: “conjunto de costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres) e da cultura (valores, ideias ou crenças), características, costumes e hábitos de uma determinada coletividade, época ou região”. E designa “caráter pessoal; padrão relativamente constante de disposições morais, afetivas, comportamentais e intelectivas de um indivíduo”.

Nesta dimensão e significado, Ethos torna-se um dos eixos estruturantes para o trabalho de Ensino Religioso. Pois é do Ethos, ou do jeito de ser e viver dos indivíduos e grupos, que se coloca o entendimento para a moral, os costumes e a dimensão de religiosidade, no seu acontecimento mais real e palpável, que é o Fato Religioso. Entende-se, pois, que é o ser humano que habita um local aquele que dignifica e faz a experiência localizada, espaço concreto e presença de transcendência.

Portanto, o jeito de ser e a maneira de viver, o lugar e a morada, ganham um sentido histórico-cultural e definem o Ethos. É a própria prática existencial, desenvolvida na concretude do espaço-tempo, e mediada por símbolos e significados, que dão sentido e suporte às vivências do cotidiano humano. A prática existencial vai tecendo, organizando e confirmando a complexa realidade das

⁴³ “Chamamos religiosidade a atitude de *abertura da pessoa ao que realmente importa, ao sentido radical de sua existência*. Implica em não acomodar-se, não ficar parado; alimentar a esperança; ser criativo; empenhar-se por crescer, estar aberto ao mais profundo, o mais alto, o melhor -- não do que os outros, mas em relação a si mesmo; ultrapassar-se; sair de si, ver as necessidades dos outros – pessoas, categorias, povos, gêneros, etnias; também dos animais, do nosso planeta. *Transcender*.” (GRUEN, Wolfgang. Ensino Religioso em Movimento, 2012)

relações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas e instaurando uma dinamicidade que constitui a dinâmica de ser e de viver das pessoas e das culturas.

O Ethos pode ser entendido, neste aspecto, como se fosse uma “segunda natureza”, o “substrato” vital do existir humano e de sua cultura, mas sempre em permanente processo simbiótico entre o ser e o proceder humano, entre o compromisso e a responsabilidade com a alteridade, entre o que representa e as disposições interiores do agir do indivíduo. Torna-se dever aclamado e reclamado pela consciência sócio-individual, construído, garantido e transmitido, mediante o existir e a inserção-educação nos sistemas culturais.

O Ethos também é a própria dimensão manifesta da transcendência do indivíduo, no sentido do entendimento e de estabelecer uma compreensão permanente da busca profunda do significado maior da vida. É nesta perspectiva que o *modus operandi* do Ensino Religioso não pode ser simplesmente o estudo ou o trabalho com a/s religião/ões. As mesmas passam a ser apenas meios, espaços, terreiros, caminhos para a compreensão do humano. É necessário olhar para o horizonte e a complexidade do ser humano, de como ele coloca, manifesta, organiza e constitui suas crenças e esperanças frente à vida. Isso requer iniciar crianças e jovens na percepção de uma transcendência primeira, a que se coloca nele próprio, e por consequência de como a mesma se coloca, se apresenta e se constitui na realidade sociocultural.

c. Diversidade e Ethos

Colocar o campo de trabalho do componente curricular Ensino Religioso no horizonte do ser humano, significa dizer que a pluralidade cultural na sua diversidade é o espaço de estudo, pesquisa e entendimento do Fato Religioso. O Ensino Religioso poderá, assim, ser mais um dos componentes do currículo escolar a colaborar para uma "leitura e uma interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma" (JUNQUEIRA, 2002:24), já que se coloca como mediador para a compreensão do ser humano, e constitui-se mediante um campo amplo e plural do conhecimento da cultura, da transcendência e das representações de religiosidade.

Portanto, é a partir do conhecimento culturalmente constituído e em processo de reconstrução que o Ensino Religioso trabalha conceitos e estruturas de significação, que organizam o saber e recolocam pressupostos “despertadores” e “libertadores” do próprio indivíduo e de sua história. O objetivo primordial coloca-se no compreender o processo de fazer-se pessoa, gente nas suas culturas, suas opções e encontrar nestas os significados e as riquezas maiores de viver com a Diversidade.

É por isso que no diálogo e no auscultar o outro se estabelece a possibilidade da democratização da função sociocultural da escola. Dialogar e auscultar pressupõem que partes distintas entrem em relação, conheçam-se e estabeleçam vínculos de participação efetiva e afetiva, sem perder a identidade própria (o seu Ethos) e sem negar a possibilidade de transformação de ambas as partes. Isto pressupõe vontade pessoal para abrir-se ao outro, às suas posições e às suas diferenças. Vontade pessoal para dialogar, não para formar iguais, mas para promover, respeitar e valorizar a pluralidade, num processo de conhecimento, de aprendizagem e de vinculação ao diferente, exercitando e estabelecendo relações democráticas.

Trabalhar o humano e suas culturas, nas suas Diversidades, é transcender padrões de leitura e concepções exclusivas da própria cultura e compreender o ser em relação, entendendo o campo de visão do outro, distintos modos (Ethos) de conceber, de viver e de fazer religião⁴⁴. O pluralismo cultural-religioso tem lugar na incansável recolocação dos outros “Ethoi” (plural de Ethos) para a transformação e constituição de novas culturas, denominações e percepções.

2. “NA CASA NÃO TEM PAREDES” – O FATO RELIGIOSO

No panorama atual, o obscuro dá lugar ao claro, o inatingível, ao alcançável, a dúvida, ao conhecimento, a relativização das descobertas, à sistematização teórica. A cosmologia coloca o ser humano na periferia das espécies e do próprio universo. A biologia instiga a ver que as espécies têm sua origem num processo evolutivo e faz que o ser humano seja produto de evolução natural, previsível e desprovido de qualquer caráter enigmático. A psicanálise demonstra que o “eu” não é dono de si, de sua própria casa, pois age impulsionado por instintos e desejos que, muitas vezes fogem ao controle do próprio sujeito. Enfim, o mistério do e de ser humano, de seus “imaginários” fica a nu, a descoberto.

Retrocedendo no tempo, encontramos a gênese da experiência religiosa humana que se torna fato real, o Fato Religioso, e instaura-se no meio da cultura, situada no tempo e no espaço histórico do ser humano. O Fato Religioso apresenta concretamente a transcendentalização do humano e da natureza, e coloca-se na dimensão da defesa da vida, dos seus perigos, das trevas, da penumbra, do incógnito do mundo e da invisibilidade da razão.

Assiste-se, assim, na perspectiva da própria evolução, ao nascimento dos “deuses” e à formulação das crenças. Com o passar do tempo, o Fato Religioso se desloca da esfera do “misterioso” para a esfera do concreto, do sociocultural. As religiões se organizam e, no rastro das “ciências”, também fazem interpretação e leitura dos fenômenos.

Paralelamente a isso, uma vez que a inscrição do ser humano no universo do “religioso” está ligada a uma forma de entender o “vazio” colocado nele e à busca do entendimento dos sistemas de “sentido”, o próprio indivíduo que vivencia a experiência do sagrado se vê então impelido a dizer algo sobre o mesmo. Dessa forma, colocar o Fato Religioso em pauta, percebendo-o concreto, passa pela ideia de que a experiência religiosa é vivenciada como a consciência da existência de um “Outro”, que se dá a conhecer nas práticas que regem as relações entre os humanos, o mundo e o que os Transcende.

Em geral, para falar do Fato Religioso e das qualidades que dele são constituintes, é necessário abandonar certas diretrizes e caminhos que a razão oferece. O Fato Religioso pode ser investigado e entendido nos termos de sua própria cosmovisão, pois é da natureza da própria religião configurar a experiência através de suas categorias de linguagem e de comportamento. Por isso, sabemos que o Fato Religioso deve ser estudado e entendido não apenas em termos de seus contextos sociais, mas também em termos de suas próprias concepções e convicções religiosas. Na religião sempre existe a experiência pessoal e o ponto de vista de um crente, que devem ser observados e considerados como fatos constituintes do Fato Religioso. Logo, ao ser estudado, o Fato Religioso precisa

⁴⁴ “O ser humano é espaço-temporal: normalmente, o *sentimento religioso* se expressa e realimenta em sistemas formais próprios das diversas culturas: constitui-se *religião*, com suas agremiações, símbolos, cultos, preces, formulações de crenças e normas.” (GRUEN, Wolfgang. Ensino Religioso em Movimento, 2012)

partir da manifestação social dos acontecimentos religiosos e ser considerado a partir de suas próprias concepções e crenças.

Trabalhar e conhecer o Fato Religioso exige pautar-se em documentos históricos, sabendo, no entanto, que os próprios documentos dizem algo mais do que o simples fato de situações históricas. De fato, de algum modo, os documentos revelam também importantes verdades acerca do ser humano e de sua relação com o universo religioso.

a. Linguagem e Expressão no Fato Religioso

Cada Fato Religioso tem uma linguagem própria e esta funciona como um mapa de uma realidade situada. Para o crente, a linguagem religiosa não é tratada como fantasia nem como imaginação, pois esta linguagem recoloca e reformula a visão de mundo. A religião define e estabelece mundos e lhes dá forma, por isto ela também mobiliza a humanidade e suas culturas. Ou seja, a religião cria uma ordem de mundo e se constitui como uma fonte geradora de concepções de história, tempo, espaço, cosmovisão, natureza e humanidade.

O Fato Religioso, do universo do imaginário pessoal e coletivo, socioculturalmente se coloca paralelamente às organizações políticas, econômicas e das ciências, já que sua linguagem funciona como normativa e se constitui como um mapa da própria realidade humana.

Com efeito, as próprias formas de expressão - o mito, o símbolo e o rito - “fazem” o Fato Religioso. No mito, no símbolo e no rito o Fato Religioso se expressa e é onde pode ser visto, elaborado e entendido. A linguagem do Fato Religioso é um modo de explicar o mundo, e um modo, para o crente, de habitar esse mundo. A linguagem comunica a experiência religiosa presente no ser humano. A experiência religiosa é a experiência da transcendência e do Transcendente exclusiva do ser humano. Assim, a religião como experiência humana é sempre condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico cultural.

É importante compreender que a experiência religiosa, enquanto uma experiência humana, é e se dá na perspectiva do relacional. É uma vivência relacional do crente com o mundo, com o outro e com o grupo de humanos. É nesta relação que ele, o crente, elabora sua própria experiência religiosa. A experiência religiosa é humana e, portanto, é também pela experiência religiosa que as pessoas se definem frente ao mundo e com seus semelhantes.

A religião é a organização sociocultural concreta que dá sentido à vida, mesmo que na sociedade (pós) moderna muitos coloquem o sentido maior no universo do trabalho e da produção. De qualquer forma, situadas no seu contexto, religião e trabalho se constituem numa fonte real de informações do processo de fazer-se ser humano. A religião é para seus crentes modelo de ação e de explicação, porque fornece respostas para o sofrimento, a alegria, as realizações, a ignorância, os afetos e as injustiças/justiças humanas.

b. Ensino Religioso no Fato Religioso

Trazer o Fato Religioso para o espaço do conhecimento escolar e apontar que epistemologia se torna constitutiva para o mesmo é conferir à religião uma identidade. Isso implica perceber quais conhecimentos se constituem capazes para dar pertinência ao componente curricular Ensino Religioso. E, por sua vez, coloca-se em discussão a questão acerca do que é possível e cabível conhecer. É por isso

que, neste percurso, faz-se necessário também se perguntar qual epistemologia poderá servir ao Ensino Religioso, de modo a proporcionar-lhe a possibilidade de um trabalho consistente, fundamentado, acadêmico-científico.

O Ensino Religioso, diante do Fato Religioso, se coloca justamente para oferecer uma visão menos restrita, mais abrangente. Por isso que sua linguagem não é apenas um modo de explicar o mundo, visto que a ciência hoje o faz com mais sentido, mas uma linguagem que percebe o modo do indivíduo e das culturas habitarem o mundo, ou seja, percebe o Ethos que constitui o ser humano e suas culturas.

A linguagem no Ensino Religioso é meio para comunicar o Ethos, o “habitar” a si próprio e o mundo, condicionada por uma forma de ser-estar do indivíduo e pelo contexto histórico cultural. O Fato Religioso exige ser pensado e estudado nos limites da própria razão. Por isso, é necessário discernir e perceber que a compreensão não se encerra apenas no ser humano da concretude, nem apenas num conjunto de representações que exprimem a natureza das coisas religiosas ou das relações que estas produzem entre si. É necessário compreender que o Fato Religioso, enquanto experiência humana, é relacional. Portanto, é vivência com o Outro e com as Culturas, já que é aí que o indivíduo elabora concretamente a experiência do religioso.

3. “UMA CASA FEITA COM MUITO ESMERO” – A DIVERSIDADE

No universo da “casa engraçada”, as entidades se estabeleceram. Foram surgindo e constituindo-se a partir dos mais possíveis e largos imaginários. Hoje, seus frequentadores sabem que não basta apenas conviver com esta Diversidade. Na dimensão do Ethos, a Diversidade se coloca no aspecto de ser um bem humano-cultural necessário e, por isso, é mister também desejá-la, promovê-la e respeitá-la, acima e antes de tudo, como um patrimônio da humanidade.

No espaço do Ensino Religioso, que se propõe a contribuir com a formação sociocultural do humano, as ações educativas se colocam na promoção e no respeito ao “diferente”, de forma a ajudar no desenvolvimento de um Ethos voltado para uma cidadania que seja ética e que perceba no outro a complexa riqueza que compõe a teia da vida.

Constatamos, contudo, e dizemos com pesar que infelizmente a “discriminação” e um certo “juízo de valor” estão instaurados nas relações socioculturais construídas e, naturalmente, também no que concerne ao Fato Religioso. No entanto, sabemos também que desde a mais tenra idade o senso crítico é aprendido, e se instaura no indivíduo e no seio cultural, tornando possível desencadear um processo de compreensão e de exercício constante, no próprio cotidiano escolar, de respeito e de convivência e, como parte integrante da aprendizagem, de abertura, e de convivência com a Diversidade.

“Primeiramente, é preciso aceitar que a discriminação, qualquer que seja ela, é aprendida. Ninguém nasce supondo que é 'normal', melhor ou inferior em relação a outros indivíduos”, diz professora Zilda Del Prette (UFSCar). Na função sociocultural de ensinar, o Ensino Religioso torna possível – ou não -, educar crianças e jovens para a alteridade, fazendo desconstruir tabus, levando a superar preconceitos e distorções da percepção do fato humano-religioso e constatando, assim, a riqueza e a beleza que compõem o painel humano-cultural com e na sua mais múltipla Diversidade.

Há espaço no componente curricular Ensino Religioso e se colocam condições socioculturais para permitir a reprodução e o reforço da discriminação. Isso acontece uma vez que o fazer pedagógico-educacional organiza ideias, concepções, envolvimento pessoal e ações de práticas coletivas a partir de uma proposta/projeto que tanto pode ser homogeneizadora, quanto promotora da Diversidade dos Ethoi dos indivíduos.

Estamos todos habituados a buscar as semelhanças e a valorizá-las, muito mais do que as diferenças, mesmo elas sendo tão presentes. A própria Ciência se constrói sobre a busca da regularidade, da estabilidade e, embora este esforço seja necessário, por vezes acaba ficando obscurecida a importância da Diversidade e da variação, inclusive como forma de garantir a continuidade da vida em um mundo que muda constantemente". (CORTEGOSO, Ana Lúcia Cortegoso. UFSCar).

No processo do trabalho do Ensino Religioso, como em todo ato pedagógico-educacional, existem situações e exemplos concretos que mostram que há diferentes dispositivos para fomentar o desenvolvimento de práticas que promovam a Diversidade. Na base da ação pedagógica há sempre uma "politicidade"⁴⁵ que estabelece diretrizes, metas e objetivos voltados para a Diversidade ou para a homogeneidade, que assegura as condições para o alcance desses objetivos e metas.

a. Aprendendo a Viver na Diversidade

Concretamente, de início é necessário estabelecer claramente e desenvolver uma cultura de abertura, acolhimento e de respeito à Diversidade - dentro da própria escola -, envolvendo, por uma ação pedagógico-educacional estratégica, toda a comunidade. Na ação pedagógica particularmente, o profissional-professor de Ensino Religioso é quem pode oferecer um modelo de respeito e de valorização da Diversidade presente nas crianças e jovens, pois é ele o agente mediador de interações sócio-educativas e inclusivas da Diversidade na sala de aula. "Em relação ao professor, a primeira coisa é ele próprio não discriminar o aluno 'diferente', seja em termos de rendimento, de estética ou de habilidades. A segunda é colocar esse tópico na pauta de seus objetivos de ensino e criar condições diárias para envolver os alunos no processo de aprendizagem", acredita Zilda Del Prette.

É necessário, para isso, entender que não há alunos bons ou menos bons, melhores ou piores, normais ou anormais, há apenas alunos. É preciso, também, partir do princípio de que há tipos e graus de necessidades em cada indivíduo e que o processo de aprender se faz de forma diversificada, personalizada e, por isso,

⁴⁵ "A politicidade da aprendizagem conjuga educação muito mais com aprendizagem, do que com ensino. Aos professores cabe assumir a função de facilitadores da autonomia do estudante, abrindo oportunidades de reconstrução permanente do conhecimento. Sendo manejo do conhecimento possivelmente a vantagem comparativa mais decisiva do mundo globalizado, as crianças na escola precisam ter a chance de trabalhar conhecimento com criatividade, partindo sempre de sua base cultural própria. A politicidade do conhecimento inclui sempre o reconhecimento de que todos são sujeitos capazes de história própria, dependendo das oportunidades que se abrem e da capacidade de iniciativa. (...) O humano da relação humana é sobretudo sua politicidade. Com efeito, a participação política é muito mais fenômeno emocional, que reclama dedicação, entrega, envolvimento, entusiasmo, do que meramente cerebral. Não se pode mais dizer que vida é cognição. Este cartesianismo passou. Mas vida é aprendizagem, porque vida é o que sabemos e aprendemos a fazer dela." (DEMO, Pedro. *Politicidade da Educação e/ou Aprendizagem Reconstitutiva Política*. UCLA, outubro de 1999)

diferente. Para lidar com a Diversidade de Ethos e do conhecimento do Fato Religioso, coloca-se a necessidade de se saberem e de se verificarem as possibilidades e os limites do ensino e da aprendizagem no Ensino Religioso.

A partir disto é que o Ensino Religioso visualiza, elabora e trabalha a demanda com a Diversidade e com as diferenças em classe e no espaço escolar. Faz-se necessário, para tanto, um projeto/plano que tenha uma programação de conteúdos, metodologias e retomadas que atendam às aprendizagens na especificidade do processo de cada indivíduo.

Para que a Diversidade esteja presente, e seja contemplada na sua plena dimensão, não é possível o Ensino Religioso tratar a todos e a todas de forma indiferenciada, já que as experiências religiosas estão em distintos e diversos fatos religiosos. A atenção e o acolhimento à Diversidade, presente em cada indivíduo, precisa ser feita de forma acadêmica e qualitativa, ou seja, com profissionalismo. Assim, crianças e jovens sentir-se-ão valorizados e aprenderão a valorizar, a respeitar e a desenvolver o exercício da cidadania. Todos, de algum modo, dentro de seus limites e potencialidades, participam colocando suas experiências e conhecimentos, ouvindo e fazendo-se ouvir, e num processo de aprendizagem, vão constituindo e elaborando estruturas internas de alteridade e de convivência com a Diversidade.

b. Planos, Planejamentos e Diversidade

Na perspectiva da Diversidade, o plano de ensino, os planejamentos, os objetivos a serem alcançados, os conteúdos estruturantes, as atividades de aprendizagem, as metodologias nos seus métodos e a verificação dos resultados atingirão as metas traçadas se contemplarem as peculiaridades do indivíduo, da cultura, do Fato Religioso, que é o que norteia a aprendizagem no Ensino Religioso.

É bom destacar, para ter clareza, que os objetivos não tratam de "conteúdos" a serem *transmitidos*, mas de competências a serem *promovidas* nas crianças e jovens para uma leitura, interpretação, inserção e reconstrução da realidade da qual são partes. Portanto, o componente Ensino Religioso deve propor e promover atividades de aprendizagem lúdicas, de trocas e de construção coletiva e, que demonstrem concretamente o acolhimento e o respeito pelo outro, por suas opções, seu jeito, seu Ethos, tendo consciência de que o "outro" sempre pode ampliar os horizontes da nossa própria vida.

O Ensino Religioso por natureza é um componente que deve valorizar as ações daqueles que apresentam respeito e aproximação ao "diferente". A dimensão da Diversidade, tratada conscientemente nas ações pedagógico-educacionais, cumpre o papel de preparar crianças e jovens para a atuação cidadã, de respeito e tolerância às diferenças. Tratar do Fato Religioso na sua dimensão da Diversidade é parte do processo de construção de outra cultura escolar e se coloca na perspectiva do compromisso com uma sociedade mais justa para todos.

O Ensino Religioso é componente curricular com o papel primordial de formar pessoa-cidadão capaz de produzir bem-estar para si e para aqueles com quem os alunos convivem. É necessário aprender não apenas a conviver com tolerância à Diversidade - como se fosse uma deferência para com os mais diferentes -, mas a desejá-la, promovê-la e respeitá-la como um dado precioso de uma imensa riqueza do humano.

4. CONCLUINDO

Este pequeno ensaio nos fez percorrer o entendimento do Ethos, como jeito de ser e como uma maneira de viver do ser humano. Como algo concreto da vida cotidiana de um povo e dos indivíduos, situamos o Fato Religioso, integrado aos aspectos culturais e vivenciais das sociedades humanas. Apresentamos também a ideia de não mais ser possível avançar como humanidade se a Diversidade não for contemplada e integrada na vida e no cotidiano do educar.

Entendemos, assim, que Ethos, Fato Religioso e Diversidade são aspectos e condições para a construção de um cidadão inserido, situado, crítico, reflexivo e mais interessado na transformação e na reconstrução do conhecimento e do contexto sociocultural-religioso, econômico, ambiental no qual está inserido.

Por essa razão, parece-nos absolutamente imprescindível que tais aspectos iluminem a prática e a identidade da disciplina de Ensino Religioso. No espaço escolar, nenhum outro componente teria melhores condições de ajudar em tal redescoberta e promoção do mais rica e profundamente humano em nós. Para tanto, julgamos que alguns procedimentos e cuidados, com os quais tratamos, podem ser particularmente profícuos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMOSSY, R. (org.). **A imagem de si mesmo no discurso: a construção do Ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano. Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Tempo de Transcendência**. O ser humano como um projeto infinito. São Paulo: Sextante, 2000.

_____. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 2, de 02 de abril de 1998: Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>

CORTEGOSO, Ana Lúcia. Reportagem. Aprendendo a viver na diversidade. **Revista ClickCiência**, UFSCAR, São Carlos/SP, Edição 20, Educação Especial, 26 de janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.clickciencia.ufscar.br/portal/educacao20/materia1_detalhe.php>

DEL PRETE, Zilda. Entrevista Para Click Ciência. **Revista ClickCiência**, UFSCAR, São Carlos/SP, Edição 20, Educação Especial, 26 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.clickciencia.ufscar.br/portal/educacao20/>>

DEMO, Pedro. Politicidade da Educação e/ou Aprendizagem Reconstitutiva Política. UCLA, **Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica, Centro Tecnológico** - Universidade Federal de Santa Catarina, outubro de 1999. Disponível em: <http://www.nepet.ufsc.br/Artigos/Texto/Demo_1099.htm>

FRIES, H. (dir) **Dicionário de teologia: conceitos fundamentais da teologia atual**. São Paulo: Loyola, 1983, vol. 3.

GRUEN, Wolfgang. **Ensino Religioso em Movimento**, in press.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNQUEIRA, Sérgio R. A. **O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. A face pedagógica do Ensino Religioso. In: **Ensino Religioso e sua relação pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Universidade Metodista de São Paulo**, Portal de publicações científicas, Múltiplas leituras 01. Disponível em: www.metodista.br/ppc/multiplas-leituras/multiplas-leituras-01/representacoes-sociais-aspectos-teoricos-e-aplicacoes-a-educacao

MOSER, Antônio; SOARES, André Marcelo M. **Bioética: do consenso ao bom senso**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DIREITOS AUTORAIS

Os autores são os únicos responsáveis pelo conteúdo do material impresso incluídos neste trabalho.